

A UTILIZAÇÃO DO LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA NA PRÁTICA DE ENSINO NA ESCOLA DO ASSENTAMENTO ZUMBI DOS PALMARES EM MARI – PB

Francisco Alves Cordeiro Neto
Wagnês Barbosa de Araújo
Maria Valdinete de Pontes Matias
Susana Gomes e Silva Costa

Universidade Estadual da Paraíba

netoalvescordeiro@hotmail.com

barbosadd202@hotmail.com

valdinetepontesm@gmail.com

sgsc31@gmail.com

RESUMO

Este artigo discute a importância da utilização do livro didático de geografia em turmas multisseriadas do Assentamento Zumbi dos Palmares situado no Município de Mari-PB. Assim, pretende inferir acerca dos aspectos estruturais, conceituais e procedimentais adotados e refletir atitudes e valores. Para tanto, serão utilizados critérios de avaliação adotados por Pontuschaka, (2007). O presente trabalho tenciona, reconhecer a objetividade de que, apesar de muito importante para subsidiar a construção do conhecimento do aluno, o livro didático não deve esgotar-se em si mesmo, deve ser um recurso pedagógico que, de forma concomitante, pode ser capaz de promover aprendizagem e estimular a busca desta em outras fontes que consagre sua utilização ética nas salas de aula, mas que não a diminua com um uso tradicionalista e cansativo. Para isso, a metodologia utilizada tem como base a pesquisa em campo a respeito da escola e em volta desta, a partir de uma perspectiva de ensino e aprendizagem com vistas a priorizar uma educação significativa e equânime para que venha a si considerar a pessoa do estudante levando em conta o compromisso ético dos educadores no uso do livro didático para desenvolver alunos críticos promovendo, de fato, sua inclusão participativa em turmas multisseriadas.

Palavras-chave: Livro Didático. Turmas multisseriadas. Inclusão.

1. INTRODUÇÃO

O livro didático é um importante instrumento metodológico no processo de ensino-aprendizagem dos alunos do campo cujas salas são multisseriadas. Assim, ele pode ser compreendido como fonte de informações capaz de instigar o conhecimento, propor diversas discussões acerca de temas específicos do interesse desse público alvo e promover, de fato, o senso crítico nos alunos. Segundo Pontuschka, (1984), para que o livro didático parta do “meio vivido” pelo estudante e faça desta vivência um recurso para o ensino e a aprendizagem da Geografia o mesmo precisa ser elaborado especificamente para o município/local onde aquele estudante vive. Porém, dificilmente encontraremos um livro didático específico para a realidade do aluno, o professor deve utilizar outros conteúdos que contemple a vivência cotidiana dos discentes.

Ao abordarmos a importância da utilização do livro didático nas escolas do campo, devemos lembrar que ele é um recurso recente na história do Programa Nacional do Livro Didático. De acordo com o Portal do Ministério da Educação o objetivo do Programa é:

Distribuir materiais didáticos específicos para os estudantes e professores do campo que permitam o desenvolvimento do ensino e da aprendizagem de forma contextualizada, em consonância com os princípios da política e as diretrizes operacionais da educação do campo na educação básica. <http://www.hottopos.com.br/videtur12/elpcns.htm>. Acesso em: 19 de jul. 2018.

Nesse sentido, há uma intenção de que a Educação do Campo seja cada vez mais valorizada e atrativa às populações camponesas. Não há uma projeção na ideia de que a educação deve favorecer o êxodo rural, mas sim, direcionar a educação camponesa em seus aspectos mais dinâmicos e qualitativos para que os jovens possam se capacitar a partir da ampliação de novos conhecimentos e serem capazes de lidar com as diferentes representações da realidade do mundo físico, econômico, político e cultural.

O livro didático de Geografia torna-se relevante diante disso, porque deve ser utilizado com o direcionamento a uma ética evidente em sua própria utilização. Há algum tempo, alguns professores do campo sentiam dificuldade de compreender a proposta do Programa por isso, orientavam-se em torno do discurso de que os livros didáticos do campo não contemplavam o contexto real dos alunos. Isso vem mudando de forma significativa, pois a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) em seu artigo 28 contempla que:

Na oferta da educação básica para a população rural, os sistemas de ensino devem fazer as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente:

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br
www.cintedi.com.br

I- Conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural.

A escolha do livro didático é feita a partir de editais de convocação sob a incumbência do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) e da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e inclusão (Secadi). Esses editais convocam, selecionam e avaliam. Nas obras são contempladas, segundo o Ministério da Educação a compilação de várias disciplinas como: a alfabetização matemática, letramento e alfabetização, língua portuguesa, matemática, ciências, história e geografia. Discutiremos, especificamente, sobre o uso do livro concernente a essa disciplina nas salas multisseriadas do Assentamento Zumbi dos Palmares em Mari –PB.

O livro didático Girassol utilizado pelos professores desse Assentamento será a obra avaliada de acordo com os critérios de PONTUSCHKA, (2007). Esse livro, segundo esses critérios, apresenta textos curtos, o que obriga os professores a buscarem novas fontes de pesquisa para oferecer melhores condições de aprendizagem tanto para eles quanto para os alunos. O conhecimento não deve ser circunscrito num único recurso didático, pois, diante de novas demandas tecnológicas devemos levar em consideração as contribuições que as novas tecnologias podem nos oferecer sem que para isso seja necessário o abandono do livro didático para compreender os espaços e tempos bem como questões de cunho social.

O livro didático de Geografia Girassol é dividido em três livros: O primeiro contempla Português, Geografia e História. O Segundo contempla Matemática e Ciências e o terceiro é dividido em duas partes para a disciplina de Artes do 4º e 5º ano. Eles trazem uma sequência de conteúdos que inicia paralelamente no 3º ano e vai até o 5º ano e tenta aproximar essa temática para que o ensino e aprendizagem ocorra de forma interdisciplinar. Esse material didático, elege algumas discussões sobre tipos de moradia, cultura campesina, agricultura familiar, plantações, produção, colheita, trabalho e renda, cuidados com o meio ambiente (fauna e flora), campo iluminado, tecnologias no trabalho e produção, além de fazer uma relação campo/cidade.

Neste artigo vamos focar no livro didático de Geografia, mas especificamente nos conteúdos relacionados a esta disciplina. Primeiramente é preciso analisar os conteúdos abordados neste material e perceber se eles trazem ou não uma aproximação com a realidade dos alunos ali inseridos. Em seguida, buscar novas fontes de pesquisa, pois nenhum material didático traz todo o conhecimento esperado ao aluno, ele, o livro, jamais será elaborado para uma turma específica.

1. O USO ÉTICO DO LIVRO DE GEOGRAFIA PELOS PROFESSORES DO CAMPO

O crescimento da demanda de novas mídias tem trazido para a escola um leque de meios de aprendizagem os quais a mesma não pode se esquivar. O computador, o celular, o notebook, a internet, a televisão, a música, o livro, traça novos horizontes na sociedade atual e posteriormente na vida do professor e do estudante. Estar “antenado” com os novos meios de comunicação não é mais fato novo na nossa cultura, contudo, há uma certa lentidão por parte de muitos que ainda não acordaram para esse mundo novo repleto de conhecimentos e práticas.

Isso agrega um agravante: na maioria das escolas da cidade a presença da tecnologia é precária, a realidade é que quase nenhuma possui serviço de internet e equipamentos tecnológicos necessários para a efetivação de um bom trabalho digital. Imaginem que nesse contexto a situação das escolas do campo sofre ainda mais com essa supressão material e que por isso o livro didático aparece nesse cenário como um recurso fundamental nas salas multisseriadas. Às vezes, o pouco de tecnologia que se tem a oferecer para os alunos é levado pelos professores a partir dos seus notebooks pessoais com conteúdo salvos com a internet de suas residências urbanas. Isso, para os que são comprometidos com o seu trabalho e tendem a considerar a pessoa do estudante numa ótica ampliada pelo afeto, e que buscam complementação didática não só por isso, mas porque sabem que o livro, sozinho, não é suficiente para promover aprendizagem.

É importante preocupar-se e fazer uma análise de como esse instrumento de ensino e aprendizagem vem sendo percebido e utilizado pelos professores das escolas do campo. Tal atenção se faz necessária uma vez que, através do uso contínuo do livro didático, este material poderá ser visto como única fonte de ajuda ao professor, ou, ainda, apresentar-se como substituto do docente, podendo comprometer a aprendizagem do estudante. Busca-se, neste trabalho, fazer uma análise de como o livro didático de Geografia girassol, vem sendo utilizado pelos professores em sala de aula multisseriadas. Faz-se necessário, averiguar a importância do uso ético desse livro na prática dos professores.

Ao abordarmos essa ética em seu uso, discorreremos sobre a responsabilidade de professores e gestores reconhecerem no Programa do livro didático para o campo um apoio específico para o direcionamento, suporte técnico e “ponto de partida” para um ensino de Geografia voltado à compreensão da vida no campo contextualizada com as vivências da cidade e do mundo.

Não há mais espaço para críticas estereis acerca da especificidade do livro Girassol como se ele tivesse “ligado no piloto automático” e fosse aterrissar nas áreas rurais e atender às demandas de aprendizagem como se a vida campesina não se relacionasse com o cotidiano da cidade.

A bem da verdade, a maioria dos professores do campo residem nas cidades e nada impede que eles coadunem suas experiências urbanas com as do campo para fins de atividades contextuais. Provavelmente, se esse profissional ler na íntegra o livro didático girassol, irá perceber vários aspectos da vida no campo que ele próprio desconhece, pois, o objetivo principal do livro é justamente fazer essa complementação de saberes. Os estudantes devem sentir-se da mesma forma quando se deparam com certos mecanismos genuinamente urbanos como o funcionamento de bancos, por exemplo.

Utilizar o livro de forma ética é voltar-se para uma prática pedagógica refletida e coerente com as novas demandas sem eivar-se de discursos de abandono ou quase abandono do livro por ele não ser “completo” como querem muitos professores. Isso condiciona a certa desvalia e não consideração do quanto esse Programa e sua implementação é onerosa. Claro, que falamos em investimentos, então que seja, porque se o livro for apenas alvo e não apoio pedagógico, esvazia-se de sentido político tanto econômico quanto didático. É o professor que dá sentido aos conteúdos quando relaciona-os com a realidade local dos seus alunos.

1.2. LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA E INCLUSÃO NAS SALAS MULTISSÉRIES

Inicialmente, antes de ir à escola, os alunos têm apenas conhecimentos informais, aqueles adquiridos com a família, vizinhos e pessoas mais próximas. Já no cotidiano escolar, o professor é a pessoa que tem o papel de incluir e nortear atividades pedagógicas, capazes de desenvolver nos alunos o conhecimento. Nesse processo de inclusão, uma ferramenta bastante importante é o livro didático.

Faria (1984), em seu livro *Ideologia no Livro Didático*, partindo da análise de como as crianças da escola pública, de origem operária na maioria, e de escola particular, originária da classe média e alta, aprendem conceitos via livro didático, concluiu que este, em geral, perpassa ideologias culturalmente impostas e que se propagam de maneira a inculcar valores.

O livro didático constitui um elo importante na corrente do discurso da competência: é o lugar do saber definido, pronto, acabado, correto e, dessa forma, fonte única de referência e contrapartida dos erros das experiências de vida. (VESENTINI, 1995, p.166).

No entanto, essa não parece mais ser uma realidade atual dos livros didáticos, principalmente do campo, pois eles não são a única via de acesso à informação como era antes nas cidades quando o campo ainda não tinha o seu próprio material específico e quando o discurso da competência era fortalecido para apoderar ainda mais o Estado quando este fazia um movimento duplo de afirmar e negar o seu poder. Portanto, o professor do campo deve emergir nesse cenário como alguém que:

[...] é comprometido com a formação humana dos seus alunos em todas as dimensões: cognitiva, afetiva, política, ética, social e espiritual. É comprometido também com o desenvolvimento sustentável das comunidades contempladas pela escola do campo. É um semeador de alegrias, sonhos, mesmo em terrenos áridos, onde impera a arbitrariedade das pedagogias tradicionais. (FIGUEIREDO e MIRANDA, 2014.p.238)

No caso do livro aqui em análise, mesmo que ele possa especificar bastante a vida no campo e ser circunscrito, os estudantes não estão isentos de ter contato com outras fontes informativas, como jornais, programas de televisão e redes sociais, muitos podem acessar a internet em suas próprias casas, perceber o mundo ao seu redor e provocar na sala de aula discussões relevantes e fundamentais para sua aprendizagem com assuntos do seu interesse. Não estamos mais na era do encastelamento didático em que eram valorizadas questões restritas ao interesse elitista.

Segundo Neves (2002), mesmo os livros didáticos podendo conter diversos problemas não podemos caracterizá-los como único culpado. Segundo ela, o professor espera do livro didático saber os que não sabem, transferem responsabilidades que até então são suas, porque o livro didático não serve como professor e os alunos não aprendem por si só; substitui sua falta de conhecimento atribuindo ao autor do livro o saber e, com o livro didático o professor economiza tempo no preparo das aulas, pois, na maioria dos casos, os professores são sobrecarregados de horas/aula de trabalho. Em conformidade com Neves, Lajolo (1996) nos diz que o caso é que não há livro que seja à prova de professor: o pior livro pode ficar bom na sala de aula de um bom professor e o melhor livro desanda na sala de um mau professor. Pois o melhor livro é apenas um livro, instrumento auxiliar de aprendizagem que deverá sempre passar por objetividade e criteriosidade do mestre, observando o público e respeitando o educando como agente efetivo de uma aprendizagem significativa.

As atividades propostas pelo livro Girassol precisam ser desenvolvidas não apenas no livro didático, mas é preciso trazer para sala outras pesquisas para os alunos entendam os conteúdos de forma ampla, pois apenas os conteúdos dos livros não são suficientes para que os alunos entendam o que o educador está transmitindo. Os conteúdos apresentados pelos livros são bem resumidos e isso impossibilita o desenvolvimento crítico dos alunos, se o

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

professor não buscar outras fontes de pesquisa, de forma que, ele perceba a amplitude do conteúdo e possa além de compreender participar das discussões, expondo seu conhecimento e se posicionando criticamente diante da realidade existente em seu contexto.

Outra forma de chamar atenção dos alunos é sair a campo no próprio assentamento, observando o trabalho realizado pelas pessoas que ali residem na agricultura, na pecuária e no extrativismo, além de analisar a paisagem que o rodeia e compreender como o meio natural está presente em suas vidas. Fazer passeios pelos pontos turísticos da cidade, visitar espaços urbanos a fim de relacioná-los com vida no campo. Acerca deste, expor de forma individual e coletiva como vivem as famílias que ali residem e como eles se preocupam com a natureza, instigando-os a proteger o meio ambiente, pois ele é fonte de vida e de conhecimento.

Uma maneira de incentivar os alunos a buscarem novos conhecimentos é realizar pesquisas e entrevistas com as pessoas mais idosas do assentamento. Desta forma, eles sentem-se motivados, pois estão conhecendo um pouco da história de sua família, do surgimento da comunidade, enfim, se identificando enquanto cidadãos. Depois dessas atividades podemos apresentar individual ou em grupo, trazer outras discussões, novas atividades, fixar e relacionar os conteúdos abordado no livro com o trabalhado fora da escola.

Com a realização dessas atividades que se aproxima da realidade do aluno, eles dificilmente terão dificuldade em realizar qualquer processo avaliativo, pois eles se apropriaram dos conteúdos sistematizados e construíram sua própria aprendizagem. Pois, percebem que os conteúdos apresentados pelo educador fazem parte de suas vivências. Assim, compreende-se a importância desse livro não como exclusivo, mas como um instrumento de apoio.

Apoio este que irá subsidiar o processo de inclusão dos estudantes no mundo globalizado e tecnológico. É importante perceber que estamos defendendo a ideia do livro enquanto “subsídio, apoio” para essa conquista. A continuidade da escolarização do ensino nos níveis mais elevados é uma “garantia” da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Para tanto, professores do campo que utilizam o livro didático para dar suporte às suas aulas, têm a possibilidade de tratar de assuntos específicos ligados à questão da acessibilidade urbanística e arquitetônica enquanto um direito do cidadão deficiente físico. As possibilidades são muitas, mas esse exemplo clarifica uma relação importante entre Geografia, inclusão social-pedagógica e o livro didático necessitando de

complementação, ou formação adequada dos professores para o bom direcionamento das aulas.

Às vezes, buscamos responsabilizar pelas nossas falhas um objeto, uma pessoa, uma situação, todos são culpados, menos nós mesmos. É mais fácil criticar um livro de forma negativa do que admitir que a formação continuada está defasada, que esperar pela iniciativa do Estado é a melhor solução, que os estudantes são culpados e se evadem porque não querem aprender os conteúdos. De acordo com Baumam (2013), não podemos esperar que uma nova e respeitosa forma de coexistência, a qual ocorre muito lentamente, parta dos nossos políticos, pois estes estão muito concentrados na manutenção dos seus próprios privilégios. A verdade é que a educação no Brasil sofre duras críticas por várias razões, pela falta de acessibilidade arquitetônica em algumas instituições de ensino ainda hoje, pela falta de adequação entre o número de alunos, do professor e do espaço físico disponível para os alunos, pela formação de turmas multisseriadas que dificulta a aprendizagem dos estudantes tendo em vista a variação de conteúdos e graus de dualidades dentro de uma mesma sala de aula, entre tantos outros motivos que não são relevantes agora.

Portanto, todos os atores do cenário educacional precisam unir forças para continuar lidando com essa educação brasileira que é quase artesanal, pois é tecida muitas vezes, pelo esforço individual e coletivo de professores, gestores e colaboradores que quase sem apoio real do Estado acabam por exceder os limites do afeto e que buscam introjetar nos estudantes, valores, perspectivas e fundamentos éticos que não são encontrados nos livros, mas nas atitudes, nos exemplos de ação de cada profissional que se dispõe a parar de esterilizar recursos didáticos ou financeiros no tocante a um ensino equânime e de qualidade e passam a acionar dispositivos capazes de ajudar a combater desigualdades sociais a partir também da própria ação humana.

METODOLOGIA

Ao observarmos as práticas pedagógicas de alguns professores de Geografia, constatamos que elas acompanham um processo de ensino e aprendizagem baseado no tradicionalismo, onde os livros didáticos são tidos como as únicas e exclusivas fontes de pesquisa, como também, únicos detentores dos conhecimentos.

O livro didático, além de ser, geralmente, o único meio de transmissão de conhecimentos ainda é tido, em alguns casos, apenas como fonte de lucro, sendo, portanto, uma mera

mercadoria. Como mercadoria, o importante para as editoras é que ele seja vendido, e é preciso considerar que o grande comprador do livro didático é o próprio governo federal. (PONTUSCHKA, 2007, p. 339).

O livro deve ser visto como um recurso educacional, e, portanto, deve conter meios que proporcionem o bom desenvolvimento metodológico da disciplina, sendo uma ferramenta de ensino e não o único meio de aprendizagem. No caso específico dos livros de Geografia, consideramos que o mesmo necessita de uma série de recursos textuais e gráficos, que possibilitem ao aluno um estudo realmente prazeroso, satisfatório e eficaz. Esses recursos quando trabalhado significativamente tendem a contribuir na formação do conhecimento do aluno frente ao estudo geográfico. De acordo com Pontuschka, as representações gráficas e cartográficas também são importantes para o processo de ensino e aprendizagem pois,

[...]são extremamente importantes na ampliação de conhecimentos espaciais tanto do cotidiano dos estudantes como de lugares distantes, sobretudo na atualidade, com o processo de globalização em curso. Assim, gráficos e cartogramas devem interagir com os textos, complementando-os ou até mesmo servindo para a organização pedagógica de suas aulas. Não se pode estudar Geografia sem essas linguagens. PONTUSCHKA (2007, p. 340)

Torna-se relevante que nas aulas de Geografia sejam utilizados o Livro Didático sendo este, na sua maioria o único recurso impresso utilizado pelo aluno, contribuindo ainda para uma formação crítica social do aluno e objetivando uma atuação reflexiva em sociedade em relação à cidadania.

As aulas, baseadas na Geografia Crítica, devem fazer com que o aluno se posicione em sociedade, criticando, analisando e refletindo a respeito de pontos formadores ou não de cidadania. O estudante, deve compreender seus deveres, enquanto cidadão social atuante, e cumpri-los baseando-se, para isso, nas observações feitas nas discussões escolares em grupo. A educação, nesse sentido, deve ser analisada como ato político, sendo professor e aluno seres ativos no processo educativo, conforme indica Callai:

Uma educação para a cidadania tentando romper com a mesmice da escola. Desenvolvendo uma prática que seja aberta à possibilidade de questionar o que se faz, de incorporar de fato os interesses dos alunos, e de ser capaz de produzir a capacidade de pensar, agindo com criatividade e com autoria de seu pensamento. CALLAI (2001, p.134)

Diante de tais afirmações, observamos que alguns professores, não têm interesse em novas pesquisas, acomodando-se àquela realidade de aulas baseadas em leituras enfadonhas, sem discussões reflexivas, aplicação de resumos, sem explicações coerentes com a realidade, resultando em questões para serem decoradas.

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

Isso tudo vai de encontro ao Ensino Libertador, em que os professores e os alunos ensinam e aprendem juntos, através de aulas participativas, havendo, pois, entre eles uma relação dialógica na qual o conhecimento não se localiza apenas na estrutura física da sala de aula. No ensino libertador, há uma transferência, uma partilha de conhecimentos entre professor-aluno, e o educador, ao ensinar, também aprende.

Diante dessas questões, o presente trabalho será desenvolvido na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Zumbi dos Palmares em Mari-PB.

A primeira etapa da pesquisa consistiu na revisão de literatura com autores que trabalham com esse tema em periódicos científicos, documentos e banco de monografias das instituições de ensino, a fim de contribuir com o posicionamento com relação à temática abordada.

A segunda etapa apresentará o seguinte:

- 1- Visitas à escola do assentamento para observar a prática de ensino de cada docente.
- 2- Entrevista com os professores sobre quais metodologias são trabalhadas em sala de aula.
- 3- Analisar o livro didático de Geografia utilizado na escola do campo.
- 4- Aplicação de questionário com os alunos sobre o conhecimento geográfico do lugar onde eles residem.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na atualidade, embora saibamos que ainda existem professores que aderem a Geografia Tradicional como princípio norteador de suas práticas pedagógicas, que se manifestam na aplicação de resumos, de pequenas e simples explicações; há também, um segmento da ciência geográfica que busca construir um ensino pautado a partir de uma leitura dialógica, proposta por Freire (1996), onde professor e aluno fazem parte do processo de ensino e aprendizagem.

Entretanto, em alguns casos, o problema não é de autoria do profissional de Geografia, ou apenas deste. Falta-lhe muito incentivo das coordenações pedagógicas municipais e estaduais, no que diz respeito a recursos metodológicos disponibilizados às escolas para a dinamização e melhor aproveitamento das aulas, em geral.

O poder público, na grande maioria das vezes, não caminha junto ao professor, ajudando-o e assessorando-o no necessário, ou ao menos no básico, dificultando, como consequência, a interação professor-aluno. As aulas, não serão, suficientes para a formação do conhecimento geográfico do aluno.

A discussão sobre o ensino e o material didático utilizado para esse fim deve ser feita frequentemente, uma vez que a responsabilidade de quem analisa, escolhe e utiliza o material será refletiva na formação do aluno enquanto ser atuante em sociedade ou não.

Os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), especialmente em relação à Geografia, sugerem que a docência seja realizada a partir da realidade do aluno, fazendo-o refletir a respeito do seu cotidiano e objetivando a formação do seu conhecimento sócio geográfico partindo do conhecimento de mundo que ele já construiu.

O professor de Geografia, dessa forma, terá a responsabilidade de auxiliar o aluno em discussões que se refiram a sua atuação, como cidadão crítico e reflexivo em uma sociedade desigual e contraditória. O livro didático de Geografia deve ser usado como uma importante ferramenta no processo educacional, mas não como a única. Metodologias de ensino devem ser utilizadas como ferramenta que propiciam a compreensão da totalidade da geografia. Os professores de Geografia devem procurar apresentar uma visão crítica de mundo ao aluno:

A ausência de uma visão de conjunto do mundo, tal como ele se constitui hoje, pode, entre muitas outras coisas, tornar a Geografia escrava do empirismo, levando a um ensino e a uma prática de alienação (Ciência Geográfica, agosto/99, p. 5)
<http://www.hottopos.com.br/videtur12/elpcns.htm>

Cabe ao profissional de Geografia desorganizar o empirismo formado pelo tradicionalista da Geografia. O livro didático é uma ferramenta muito importante para o aluno, embora muitas vezes não se enquadre à realidade vivida por ele. O professor é responsável pelo auxílio do aprendizado do aluno, então o livro deve ser apenas um meio ou um apoio didático, uma vez que o conhecimento, especialmente o relacionado à Geografia, deve ser estruturado mediante as análises críticas da realidade cotidiana do aluno, coisa que os livros didáticos raramente oferecem.

Para sua efetiva utilização, o livro deve ser previamente avaliado pelo professor, objetivando uma relação à mais direta possível com o dia-a-dia do alunado. Nídia Pontuschka (2007) indica alguns pontos para uma eficaz avaliação do livro didático de Geografia. A avaliação deve ser feita de forma bem detalhada, visto que as análises do livro serão uma base forte para o início da formação crítica do aluno, enquanto cidadão atuante em sociedade.

CONCLUSÃO

É fundamental que o professor crie estratégias que possibilitem aos alunos uma interação entre ambas as partes a fim de construir o senso crítico. Dessa forma, os alunos

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

serão mais participativos e; posteriormente, desenvolverão habilidades. Um pensamento de Friedrich Nietzsche acerca da pobreza do espírito pedagógico alemão cabe ainda hoje no discurso pedagógico brasileiro tendo em vista que, segundo ele, os talentos inventivos, ou seja, os professores criativos e talentosos estão ausentes “aqueles que tem ideias boas e novas são os que sabem que a verdadeira genialidade e a prática correta devem necessariamente encontrar-se no mesmo indivíduo”. (NIETZSHE, 2009, p. 79).

Para isso, é preciso que o professor selecione conteúdos que sejam significativos as necessidades do aluno e que todos possam ser incluídos nas aulas com empenho e criatividade. Essas aulas não devem se limitar a sala de aula, mas ultrapassar o ambiente interno da escola, ou seja, que explore todo o Assentamento Zumbi dos Palmares, comunidade em que todos os alunos residem. O professor se utilizando dessas estratégias perceberá a participação dos alunos e a facilidade que eles têm em expor seus conhecimentos, pois são atividades que estão inseridas no seu cotidiano e que são significativas na vida de sua família e de toda a comunidade que ali residem.

A partir de então, ficou perceptível a aprendizagem da turma no desenvolvimento das aulas, na participação e na resolução das atividades. Os alunos que apresentam alguma necessidade, mais não possui laudo, também participava das aulas campo e se interessava principalmente nos temas ligados aos animais, percebia-se o seu entendimento e sua contribuição durante as aulas. Embora ele não conseguisse escrever suas atividades, mas oralmente respondia todos os questionamentos feitos pelo educador, efetivando assim a riqueza do espírito pedagógico concernente ao ensino e aprendizagem discente, priorizando, com criatividade, o processo de inclusão.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zigmunt. Sobre Educação e Juventude: conversas com Ricardo Mazzeo. Tradução Carlos A. Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, nº 9394 de 20 de dezembro de 1996.

CALLAI, Helena Copetti. **A Geografia e a Escola: muda a Geografia? Muda o ensino?** Revista Terra Livre, nº 16. São Paulo: AGB, 2001. p. 133-152.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

FARIA, Ana Lúcia G. De. **Ideologia no livro didático**. São Paulo: Polêmicas do Nosso Tempo, 1984.

LAJOLO, Marisa. **Livros didáticos: um (quase) manual de usuário**. In: *Em Aberto*, n. 69, ano 16, 1996.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática história, teoria e análise, ensino**. São Paulo: Unesp, 2002.

Novo girassol saberes e fazeres do campo: língua portuguesa: geografia e história, 4º ano. --1. Ed.-- São Paulo: FTD, 2014. – (coleção novo girassol saberes e fazeres do campo).

____. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.

Secretaria de Educação especial- MEC/SEESP, 2008. Disponível em: >
www.mec.gov.br/seesp>. Acesso em: 28. Jul. 2018.

____ Programa Nacional do Livro Didático PNL Campo Disponível em:
><http://www.hottopos.com.br/videtur12/elpcns.htm>. Acesso em: 19 de jul. 2018.

PONTUSCHKA, N.N. **Estudo do meio: a região de Piracicaba – 2º Grau. Orientação**, São Paulo, n.5, p.37-43, out. 1984.

PONTUSCHKA, Nidia Nacib. **O livro didático de Geografia** In: _____. **Para ensinar e aprender geografia**. São Paulo: Cortez, 2007.

SANTOS, MILTON. **A Natureza do Espaço**. São Paulo: HUCITEC, 1996.

VESENTINI, José William. **A questão do livro didático no ensino da Geografia**, 1995.